

A EXPLORAÇÃO AMBIENTAL E O PATRIARCADO: ENTENDENDO E ECOFEMINISMO

Data de aceite: 01/03/2024

Ana Luisa Pires Moreira

Muito vem se discutindo sobre a exploração ambiental crescente e desordenada em todo o planeta, através de práticas predatórias que levam ao desequilíbrio ecológico, resultando em eventos como poluição atmosférica, aquecimento global, perda de biomas, acidificação dos oceanos, extinção de espécies, dentre outros.

Apesar do tema ser atual – e necessário - foi a partir das décadas de 60/70 que surgiram os primeiros movimentos ambientalistas, que ganharam espaço e culminaram nas primeiras conferências mundiais, bem como no surgimento de organizações não governamentais de defesa do meio ambiente. Como consequência, os governos passaram a instituir órgãos ambientais em seus programas políticos.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a Agência de Proteção Ambiental foi criada pelo governo, em 1970, após a divulgação

de anos de pesquisa da bióloga Rachel Carson, através do livro “Silent Spring”, onde a autora apontou pela primeira vez os efeitos maléficos de pesticidas sintéticos para o meio ambiente e saúde humana. A sua obra foi um marco no desenvolvimento da consciência ecológica moderna entre a população norte americana, quiçá mundial, instigando mudanças revolucionárias nas leis de preservação do ar, solo e água. Ainda, a obra de Carson culminou na proibição do uso de diclorodifeniltricloroetano (DDT) em diversos países. Cabe aqui destacar que após a sua publicação, a pesquisadora foi alvo de inúmeros ataques da indústria farmacêutica, que tentou a todo custo desacreditar seu trabalho científico, bem como sua reputação, utilizando estereótipos de gênero, identificando-a como “solteirona” e sentimentalista. Um dos críticos de sua obra, Dr. Robert White-Stevens, bioquímico e diretor-assistente da Divisão de Pesquisas Agrônomicas Americana, afirmou:

“A srta. Carson sustenta que o equilíbrio da natureza é a força principal na sobrevivência do Homem apesar de os químicos modernos, os biólogos modernos e os cientistas modernos acreditarem que o Homem está gradualmente controlando a natureza”

Tal afirmação denota um pensamento antropocêntrico e que remete à submissão da natureza e à relação de poder e controle do homem, observado ainda nos dias atuais.

Juntamente com os movimentos ecologistas nascentes durante a década de 70, a sociedade se deparava com uma transformação de pensamento social e político, com as discussões ambientais pautadas em contextos político, cultural e econômico. A exploração da natureza é então tida como resultado da busca pela dominância antropocêntrica, já mencionada acima.

Com o crescimento dos movimentos feministas, a crítica da relação antropocêntrica com o ambiente passa a ser vinculada à androcentrista, uma vez que o primeiro é caracterizado por um processo de opressão sociedade-natureza, enquanto o segundo de homens-mulheres, refletido através do especismo e sexismo, atuando numa mesma lógica de dominação.

Em 1974, a escritora francesa Françoise D'Eaubonne lança a obra “Le fêminism ou la mort”, em que apresenta o termo Ecofeminismo, que surge como um paradigma filosófico que sugere que as mulheres, assim como a natureza, são dominadas pelo patriarcado, reconhecendo uma ligação entre as opressões da mulher e da natureza. Enquanto as primeiras são definidas apenas pelo seu papel materno e doméstico na sociedade, a natureza é tida meramente como uma fonte de recursos a ser explorado.

Uma das correntes ecofeministas considera a relação antropológica, mística e fisiológica entre mulher e natureza, estando, por exemplo, o ciclo menstrual da mulher intimamente relacionado aos ciclos lunares. As mulheres teriam também um maior conhecimento holístico dos processos naturais, devido às suas interações íntimas com a natureza, como observado, por exemplo, entre agricultoras e curandeiras, que utilizam ervas naturais para cura de doenças.

Por outro lado, outra corrente entende a relação da mulher com a natureza não como algo natural, mas sim imposta pela divisão sexual de trabalhos e responsabilidades na economia familiar, distribuição de poder e propriedade. Ou seja, sua consciência ecológica se dá pela interação necessária com o meio ambiente, imposta pela forma de organização social.

Independente das diferentes linhas de pensamento, o objetivo de ecofeministas é a unificação com o propósito de reestabelecer o meio ambiente natural e a qualidade de vida para os seres humanos e não humanos, afastando a ideia de exploração visando exclusivamente o lucro como princípio norteador. Os movimentos ecofeministas apontam para a necessidade de a mulher ocupar lugares de decisão, a fim de se contraporem ao modelo de desenvolvimento desenfreado de maneira predatória, violenta, insustentável e fonte de opressão.

No contexto atual, podemos observar mulheres em posições de liderança em meio à crise mundial ocasionada pela pandemia do Coronavírus e mudanças significativas na forma de lidar com o enfrentamento da doença foram observadas entre líderes homens e mulheres. Embora haja fatores diversos, muitos analistas consideram que a forma como essas mulheres praticam a política, de maneira mais empática e colaborativa, deve ser levada em conta. As primeiras-ministras da Alemanha, Nova Zelândia e Islândia, Angela Merkel, Jacinda Ardern e Katrín Jakobsdóttir, respectivamente, e a presidenta de Taiwan, Tsai-Ing-wen, por exemplo, exercem uma gestão pautada no conhecimento científico, em ações que assegurem o coletivo, priorizando a população alvo e a qualidade de vida.

Enquanto isso, líderes políticos de grandes nações, como os EUA e Brasil, seguiram uma tendência negacionista e apresentaram decisões extremamente populistas, exercendo uma política individualista, impactando negativamente os resultados no enfrentamento da pandemia. Outra característica marcante destes mesmos líderes é o machismo explícito em suas atitudes, ações políticas e discurso.

Apesar das questões feministas e de conservação ambiental serem pautas de discussão há décadas, sendo mais fortalecida nos últimos anos, é preciso estar atento ao crescimento notório de um conservadorismo, atrelado ao negativismo, posição anti-científica, armamentista, fascismo, xenofobia, machismo, neoliberalismo econômico exacerbado e se contrapor a todos esses padrões. Daí a importância do fortalecimento de novos paradigmas, como o Ecofeminismo e da ocupação de mulheres em posições de liderança e tomada de decisões.

Indo mais adiante, é imprescindível que esses espaços sejam ocupados pela DIVERSIDADE (seja ela racial, de gênero, classe e outras), pois através das diferenças é capaz de se chegar a visões de mundo variadas, bem como propiciar diferentes questionamentos, vivências e soluções diversas para os principais problemas que permeiam e angustiam a sociedade. Quando estes espaços forem representados de fato pelos que hoje são as minorias, que de alguma forma são vistas de maneira submissa, a tendência é que estes levantem bandeiras de igualdade e lutem contra o sistema exploratório depreciativo (do homem, dos recursos naturais e outros) vigente no mundo capitalista atual.

REFERÊNCIAS

BONZI, Ramón Stock. Meio Século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 28, p. 207–215, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/dma.v28i0.31007>

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 11–34, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026x2015v23n1p011>

PULEO, Alicia. Perspectivas ecofeministas da ciência e do conhecimento: a crítica ao viés andro-antropocêntrico. **Em Construção**, [S. l.], n. 5, p. 163–173, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2019.41236>

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: Contribuições e Limites para a Abordagem de Políticas Ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 61–71, 2000. Disponível em: http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11_artigo_ecofemi.pdf

SILVA, Caroline Nunes. A HISTÓRIA DO ECOFEMINISMO : CONTRIBUIÇÕES E. [S. l.], [s. d.].

TORRES, Maximiliano. O Ecofeminismo: “Um termo novo para um saber antigo”. **Terceira Margem**. n. 20, p. 151-175. 2009.